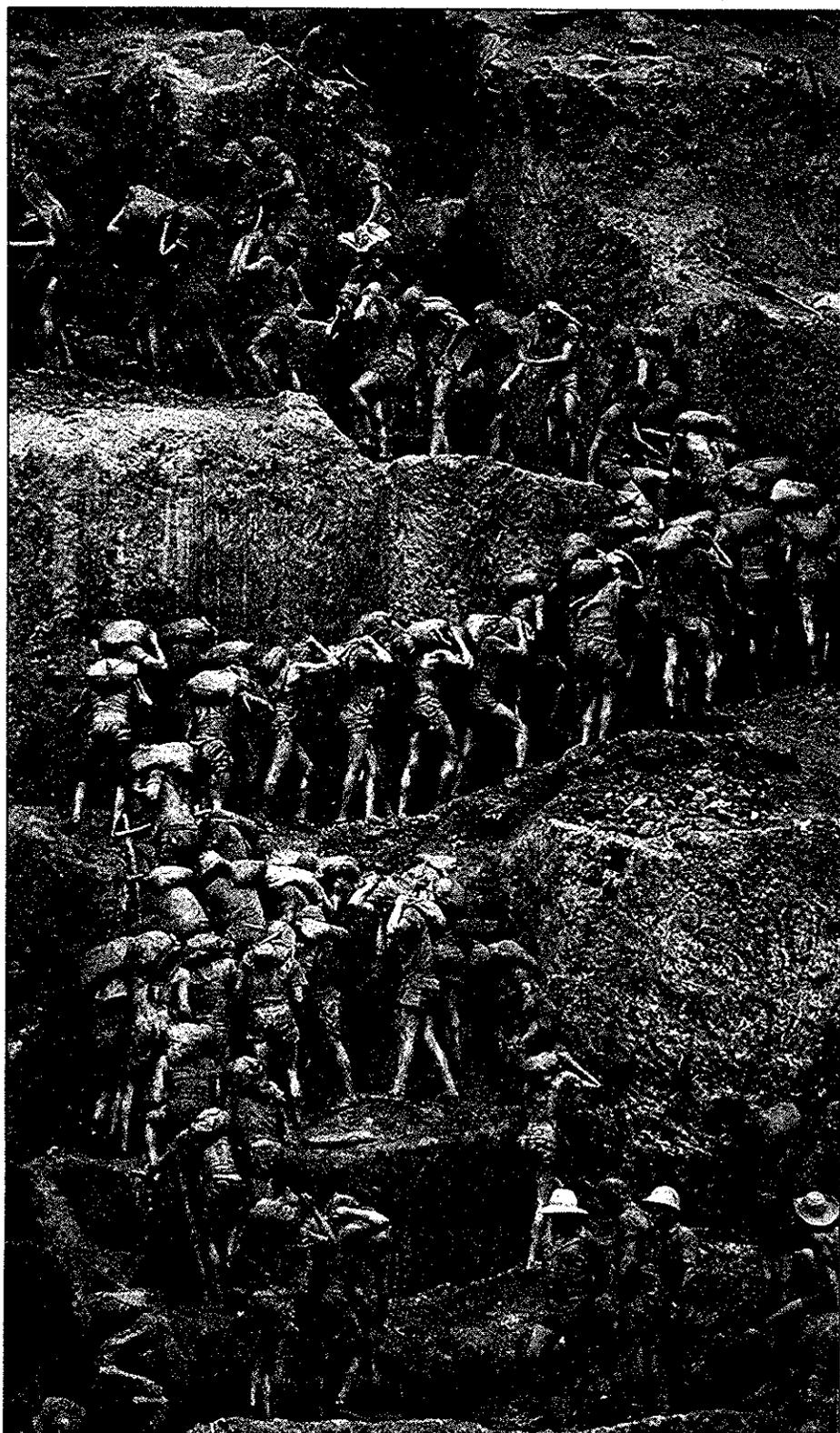


Um caldeirão

Com muita terra e pouco ouro, o garimpo de Serra Pelada

Pá e picareta na mão, 100 000 homens entraram na selva amazônica para cavar um buraco do tamanho de dois Maracanã, recolher uma riqueza equivalente a 1 bilhão de dólares e construir o mais brilhante sonho popular do país na década — o ouro de Serra Pelada. Com seus barracos de madeira e suas ruas sem calçamento, Serra Pelada possui uma paisagem de miséria que o país inteiro conhece. Parece-se com as centenas de favelas erguidas na periferia das grandes cidades. Difere delas essencialmente porque, se em São Paulo e no Rio de Janeiro há ouro nos cofres, em Serra Pelada ele está a céu aberto. Braços musculosos e pés descalços, o corpo coberto de lama, os homens de Serra Pelada conseguiram colocar de pé, no entanto, um monumento único na História do Brasil do século XX — uma epopéia popular suja, confusa, porém vitoriosa.

Há cinco anos, quando o país estava quebrado, a economia entrava na recessão e o Planalto mendigava auxílio financeiro junto ao presidente dos Estados Unidos, Serra Pelada se transformou numa fortaleza de orgulho e esperança — ali, usando a mesma bateia rudimentar dos escravos de Minas Gerais do século XVIII, o célebre formigueiro de homens humildes recolhia 40 quilos de ouro por dia, fazendo o país saltar do oitavo posto para o lugar de quarto produtor mundial. Agora, dez anos depois que a primeira pepita brilhou nas mãos do anônimo garimpeiro que descobriu a mina de Serra Pelada, a vida naquele arraial formado por 30 000 casinhas erguidas em volta da cava gigantesca que já expeliu 40 toneladas de ouro passa por uma fase de sombras que já pousaram sobre o cotidiano de seus moradores — e também se projetam sobre seu futuro. O buraco, que já chegou a 100 metros de profundidade,



O apogeu de Serra Pelada, em 1983: produção de 40 quilos de ouro por dia e 80 000 homens trabalhando. Em oito anos, dali saíram 40 toneladas de ouro, ou 60 bilhões de cruzados

na floresta

enfrenta sua decadência num clima de rebelião



está cada vez mais fundo — mas produz cada vez mais terra e cada vez menos ouro. Toda a produção de Serra Pelada no ano passado, por exemplo, limitou-se a 2 toneladas, marca que o garimpo de 1983 alcançava em menos de dois meses.

“VAI HAVER GUERRA” — No apogeu, 80 000 garimpeiros se equilibravam pelas encostas dos barrancos, carregando sacos de até 35 quilos de terra, onde o ouro estava escondido, ao longo de cinquenta viagens por dia — no total, cada homem transportava 1,7 tonelada em cada jornada de trabalho, o que, numa semana, totaliza carga equivalente ao peso de dois caminhões Scania Vabis. Hoje, menos de 5 000 pessoas tomam o caminho da mina, mas o fato é que em Serra Pelada ocorreu um fenômeno peculiar. “Não queremos sair daqui nem que o governo venha nos expulsar”, afirma Lúcio Delmiro Bento de Lucena, que há sete anos estabeleceu-se no garimpo, em companhia da mulher e do filho. Desde 1983, quando se descobriu que Serra Pelada não é uma mina igual às outras, o governo vem falando em retirar os garimpeiros dali, para iniciar um processo de mecanização. Anunciado em três ocasiões, o projeto sempre acabou adiado, pelo mesmo motivo — os moradores daquele lugar não querem sair.

“O governo só garante que Serra Pelada fica com os garimpeiros até o final de 1988”, afirma Heitor Augusto de Lery Guimarães, assessor do ministro João Alves, do Interior. “Depois disso, ninguém sabe o que pode acontecer”, acrescenta. Ninguém sabe — mesmo. “Em Brasília, estão todos contra nós”, afirma o garimpeiro Victor Hugo Cardoso Rosa Netto, que na semana passada realizou uma malsucedida excursão pela capital federal em busca de apoio. “Se quiserem nos ti-

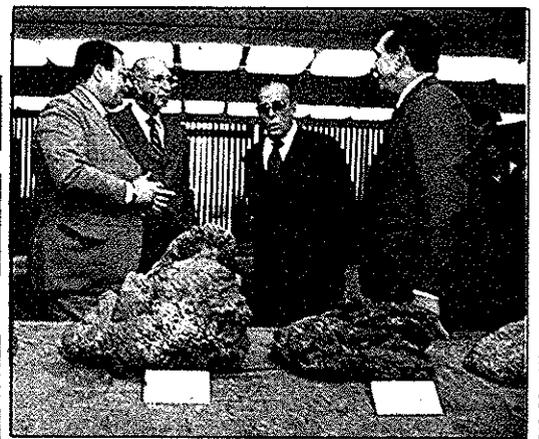
A Serra Pelada de hoje: um buraco com muita lama e pouco ouro, onde a produção, dez vezes menor que a de 1983, ocupa apenas 5 000 garimpeiros. Outros 45 000 vagam pela vizinhança

Na maior descoberta dos últimos tempos, Manoel Souza encontrou 2,8 quilos de ouro. Há quatro anos, em Brasília, João Figueiredo deu festa para mostrar a maior pepita de Serra Pelada, a Canaã, de 62,3 quilos. O homem que a encontrou, Júlio de Deus Filho, morreu numa briga de bar

rar daqui à força, vai haver guerra”, avisa Victor Hugo.

Na maioria das minas, os garimpeiros se dispersam quando o ouro começa a rarear, carregando sua esperança e sua teimosia para tentar a sorte em outro lugar. A diferença é que ali, naquele povoado a 1 100 quilômetros de Brasília, onde ficam os cofres do Banco Central, que armazena seu ouro, o comportamento dos homens mudou tanto quanto o da mina. Pioneiros por definição, os garimpeiros são homens solteiros e sem endereço fixo — quando descobrem uma lavra promissora, formam acampamentos improvisados, que lembram a moradia de peões de uma obra de construção civil. Em Serra Pelada, porém, o sonho é maior que a cava de 1,5 milhão de metros cúbicos. Boa parte dos garimpeiros resolveu se fixar e constituir família, já foram construídas cinco igrejas — há mais de 10 000 crianças espalhadas pela cidade. Hoje, a maioria dos homens não tem o que fazer, e eles vagam pelas ruas de terra sem enxergar um futuro, gastando seus trocados em mesas de bilhar e fliperama, examinando mercadorias num centro comercial onde funcionam perto de 1 000 lojas. “Daqui, só saio morto”, afirma Expedito Pereira da Silva, instalado em Serra Pelada desde 1981.

À sua maneira, o garimpo selvagem de Serra Pelada, onde as avalanches de terra produziram cinquenta mortos por ano, equivalente ao total de operários que morreram em acidentes de trabalho no Estado do Maranhão em 1985, procura civilizar-se pelo caminho das populações carentes, que sobrevivem à margem dos planos de qualquer governo e dos padrões de consumo das grandes cidades. Pela sua origem, o fenômeno que há hoje em Serra Pelada é um acontecimento que só tem semelhança com o Arraial de Canudos, no sertão da Bahia, no qual 3 000 pessoas se reuniram no final do século passado atrás de um sonho dourado e através de uma vida simples, sem incomodar ninguém. Em Canudos, o beato Antônio Conselheiro prometia a vida eterna. Desta vez, o paraíso pode estar ao alcance da mão e chama-se ouro. Canudos acabou num



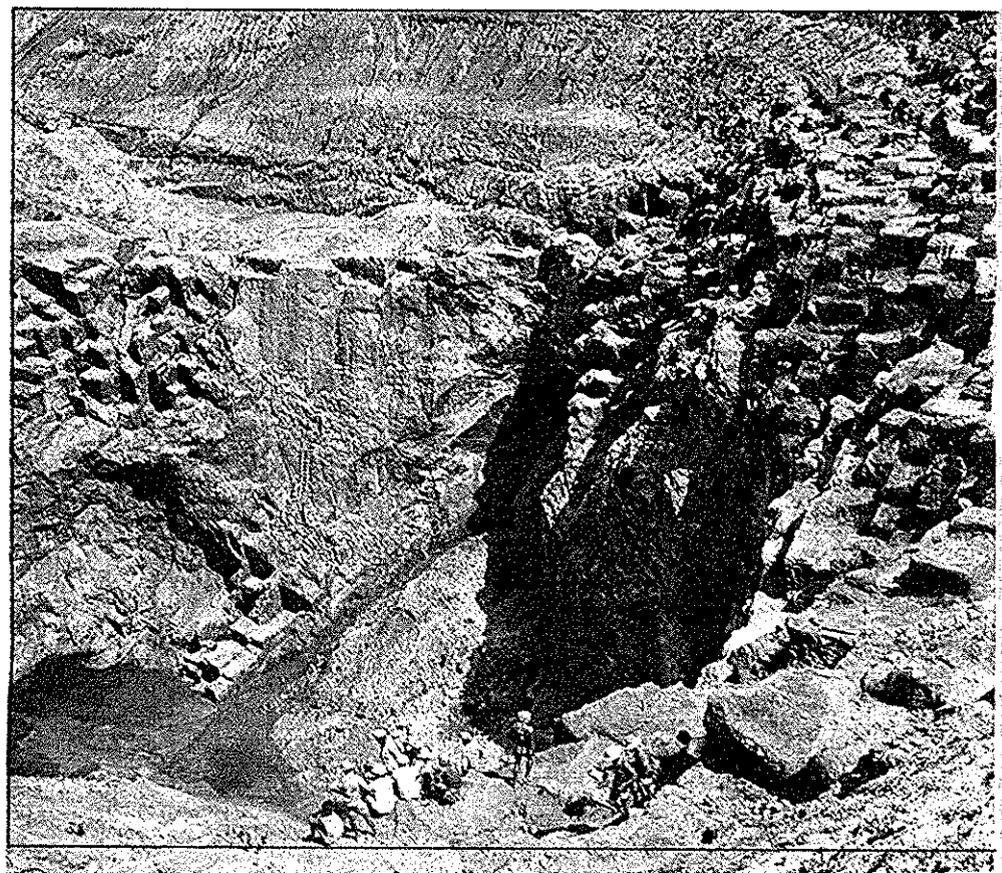
CARLOS NABIRA

massacre. O fim de Serra Pelada é um mistério.

O povoado de Serra Pelada já se rebelou quatro vezes. Em dezembro do ano passado, quando ocorreu a última explosão, o governador Hélio Gueiros, do Pará, ordenou a sua tropa de choque que promovesse uma operação de guerra contra os garimpeiros. Num telefonema aos subalternos, Gueiros chegou a usar, literalmente, a expressão “ação de guerra”. Fechando o tráfego para carros e o trem

na ponte sobre o Rio Tocantins, de 2,3 quilômetros de comprimento, algo como a Avenida Paulista, por exemplo, os garimpeiros foram alvejados de frente pela PM. Uma mulher grávida foi morta. No final, 47 pessoas ficaram feridas. O governo admite duas mortes — mas estima-se que elas tenham sido mais de trinta.

“ANARQUIA GENERALIZADA” — Em torno da aglutinação de Serra Pelada, também cresce um mito antigo, que é perseguido pelas legendas de esquerda, e igualmente habita as gavetas dos estadomaiors do governo — a subversão nos lugarejos perdidos do Brasil central. “O garimpo precisa ser tratado como uma questão de segurança nacional, já que, entre outras coisas, pode permitir que meia dúzia de sujeitos transportem a massa para outras manobras”, afirma o deputado Amaral Netto (PDS-RJ). A 650



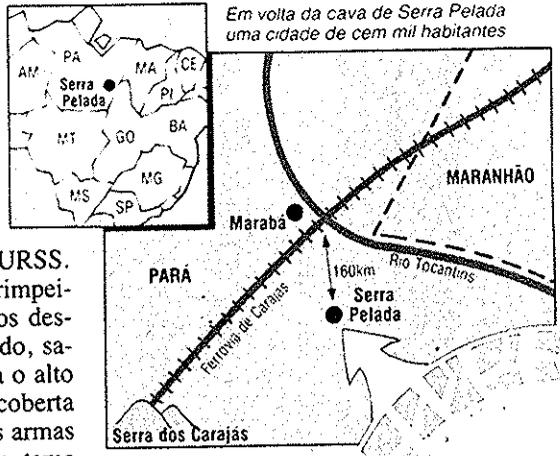
FOTOS FLAVIO CANALONGA

quilômetros de Serra Pelada, o PC do B promoveu sua guerrilha do Araguaia e, na mesma região, um grupo de lavradores armados tentou fazer de uma pequena aldeia, Trompas, uma sociedade comunista — antes de ser batido pelo Exército, chegou a aprovar uma Constituição municipal na qual o lugarejo se transformava na 16.ª República da União Soviética, a URSS. Com revólveres e escopetas, os garimpeiros de Serra Pelada andam armados desde a descoberta da mina. No passado, sacavam as armas para dar tiros para o alto — era o início da festa pela descoberta de um novo filão de ouro. Hoje, as armas estão guardadas — mas há quem tema que venham a ser sacadas para outras finalidades. “Do jeito que vão as coisas, o governo pode nos conduzir a uma tragédia sangrenta”, afirma Eliezer Luiz Jucá Soares, secretário-geral da União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal, Usagal.

“Na minha época, o garimpo até parecia o Colégio Sion”, afirma o general Newton Cruz, antigo chefe da Agência Central do SNI, em Brasília. “Agora, vive um clima de anarquia generalizada e precisa ser fechado imediatamente”, acrescenta o general. Em Brasília, as revoltas de Serra Pelada já provocaram pelo menos uma reação — no Ministério do Exército. Ali, desde o início do ano, são realizados estudos para a construção de

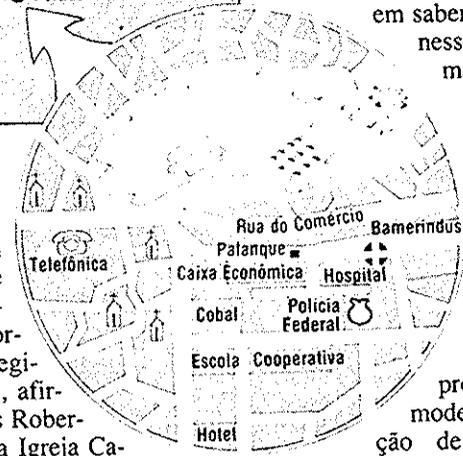
O arraial do ouro

Em volta da cava de Serra Pelada uma cidade de cem mil habitantes



um quartel em Marabá, a 130 quilômetros da mina.

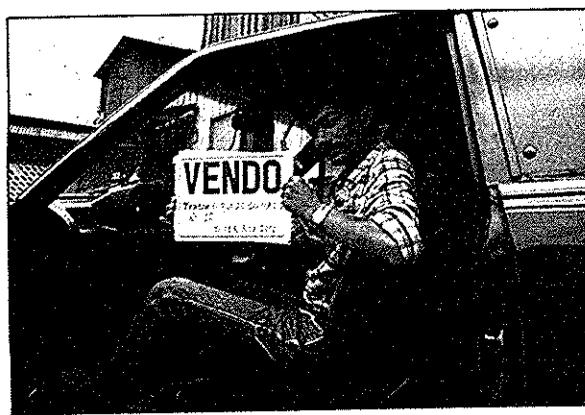
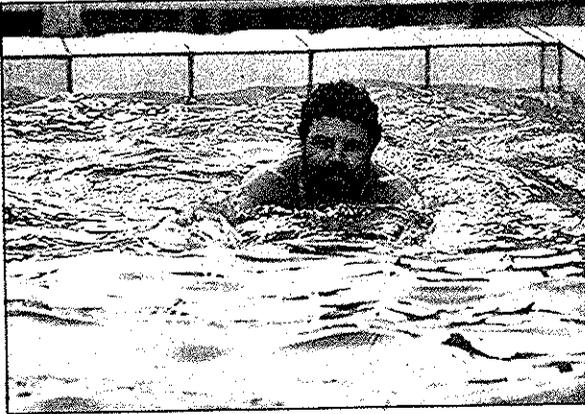
“Quando vim para cá pensei que os garimpeiros fossem pessoas confortadas com um regime de submissão”, afirma o padre francês Roberto de Valicourt, da Igreja Católica, que disputa fiéis com quatro correntes evangélicas. “O tempo mostrou-me que esse jeito calado é uma forma de resistência e que o homem pisado pelo pé do boi um dia irá reagir”, acrescenta Valicourt. No início, o problema dos homens de Serra Pelada tinha o tamanho de



um edifício de 25 andares — era dentro de um morro de 100 metros de altura, na Serra de Carajás, que o ouro estava escondido. Hoje, depois que a picareta dos primeiros garimpeiros foi substituída por grandes escavadeiras trazidas para raras raspagens do buraco, o morro sumiu dos mapas e transformou-se numa cratera — agora, o problema é outro. A maioria dos estudos geológicos conhecidos indica que, sob aquela massa de terra, pode haver ainda muito ouro ao alcance da mão — o nervo da questão consiste em saber quem irá apanhá-lo. É

nesse ponto que reside o mais intenso drama de Serra Pelada. “Do jeito que está, o garimpo desperdiça uma incalculável quantidade de ouro disponível”, afirma o professor Evaristo Medeiros, da Faculdade de Geologia da Universidade de São Paulo. O professor tem razão. As modernas técnicas de extração de ouro garantem, por exemplo, a recuperação de até 90% do ouro guardado na cratera — pelo rudimentar sistema dos garimpeiros, o que se consegue, na melhor das hipóteses, é aproveitar 70% (veja o quadro à página 26). A dificuldade é que, em Serra Pelada, a mecanização esconde apenas uma parte do problema — a outra parte diz respeito aos 100 000 homens que se mudaram para lá, habituaram-se a tirar ouro no muque e não querem ir embora.

Para permitir que o ouro ficasse na mão dos garimpeiros, o governo transformou o buraco inicial, de pá e picareta, numa cava de 300 metros de largura e 100 de profundidade — mais tarde, em nova operação de alargamento, a mina ficou com a forma de um feijão e suas dimensões atuais. Cada vez que a cratera aumentava, para baixo, a população crescia, na superfície — e foi assim que um garimpo de aspecto até primitivo, que em outros lugares do país não chega a reunir mais de 500 pessoas em volta de seu fas-



A decadência: a cava de 100 metros de profundidade, poucos casos atuais de prosperidade, como o de James Barbosa, e uma leva de empobrecidos, como o garimpeiro Valter Sena, que achou 2 quilos de ouro, ganhou quase 3 milhões de cruzados e hoje vende seu automóvel para pagar dívidas



FOTOS FLAVIO CANALONGA

A lei no garimpo: contrabandistas de bebidas detidos, o mitológico major Curió, do SNI, e a polícia melechete



ORLANDO BRITO



cínio, começou a abrigar uma população 200 vezes maior. Hoje, os garimpeiros querem que o governo faça uma nova escavação no lugar. Se o governo não fizer um novo alargamento, eles não terão onde cavucar. Se fizer, também terá o problema de volta — cedo ou tarde, quando for arrancado todo o ouro da nova camada, Serra Pelada estará igual a que é hoje, com a diferença de que sua população terá dobrado, e a carga de revolta pode crescer em armazéns ainda mais amplos.

“No fundo, a única preocupação do garimpeiro é tirar o ouro da terra”, afirma Édson Leocádio Soares, presidente da Associação Comercial de Serra Pelada. Quando o ouro está em falta, como agora, aparece o outro lado do problema — que é o das 100 000 pessoas do lugar. Cabe ao governo descobrir uma maneira de tratá-las como aquilo que são, isto é, moradores de uma cidade do tamanho de Bragança Paulista, em São Paulo, ou Resende, no Rio de Janeiro, e não como habitantes de um acampamento improvisado. A fonte maligna da inquietação de hoje concentra-se aí — nessa falta de soluções fáceis para os dramas cotidianos de uma população.

“ÚLTIMA OPÇÃO” — Decadente em seu presente, enigmática quanto a seu futuro, Serra Pelada vive sua pior época desde que foi

descoberta — mas continua recebendo pretendentes ao ouro. “Essa é a minha última opção”, afirma o paraense Antônio Francisco Alves, que há quinze dias se mudou para a cidade com a mulher e uma filha de 11 anos disposto a tentar a sorte no garimpo — enquanto a fortuna não vem, planeja sustentar a família com a venda de refeições. Misturados a uma população tão grande, há tipos que até parecem exóticos, como o cantor Décio Scarpelli, o “Dino” da dupla Deni e Dino, que animava as festas da jovem guarda com a música *Coruja* e cuida de uma emissora de rádio pirata. A maioria dos

moradores de Serra Pelada, no entanto, é formada de peões desempregados com a queda no ritmo das grandes obras públicas e lavradores que perderam a terra de cultivo. “Ainda vou tropeçar numa pepita enorme”, afirma Reinaldo Quaresma Pinheiro, maranhense de 28 anos, há três no garimpo, onde já reuniu 2 quilos de ouro, suficientes para comprar duas casas e um automóvel — endividado, perdeu tudo e se anima a começar uma nova empreitada outra vez. “Aqui, a mesa de baralho funciona todos os dias”, afirma Pinheiro.

A diferença entre o garimpeiro de Ser-

Na zona de atrito

Sindicalista fala em explosões

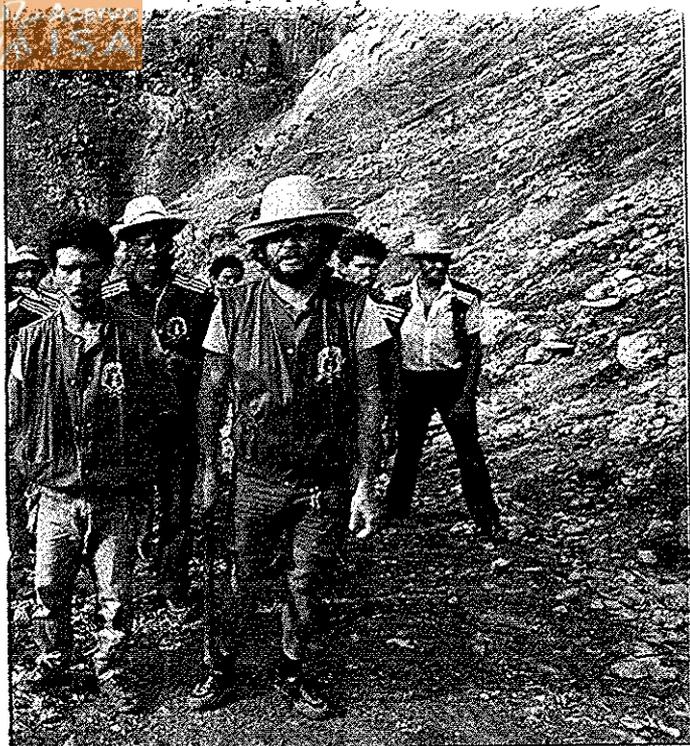
Em Serra Pelada, bem em frente à agência da Caixa Econômica que possui o monopólio da compra do ouro, existe uma tribuna usada pelos garimpeiros para organizar suas assembleias — e deliberar sobre seu futuro. Em agosto do ano passado, o secretário-geral da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal, Usagal, Eliezer Luiz Jucá Soares, foi até o palanque, para defender uma proposta inédita. Pediu aos garimpeiros que reagissem com violência caso seus pedidos de rebaixamento da cava e da manutenção do garimpo

manual não fossem atendidos pelo governo. Na ocasião, Jucá sugeriu que os garimpeiros destruíssem a Ferrovia de Carajás, que passa a 20 quilômetros de Serra Pelada e leva o minério de ferro extraído da região para o Porto de Madeira, em São Luís, no Maranhão. Interrompido pelo delegado Paulo Duarte, da Polícia Federal, Jucá foi convidado a deixar o palanque, e o acesso à tribuna passou a ser controlado. Há quinze dias, no entanto, Jucá continuava explicando as mesmas idéias.

Um dos planos para a destruição da ferrovia, que Jucá

garante conhecer, mas não incentivar, prevê a colocação de cargas de dinamite a cada quilômetro dos 760 quilômetros de extensão da estrada de ferro, que seria completamente destruída, e até motobombas seriam usadas para impedir a circulação dos trens com minério de ferro. Os pedregulhos que sustentam os dormentes seriam retirados pela pressão da água, no lado externo de uma curva, para provocar o descarrilamento dos vagões. “O governo está forçando o garimpeiro a se tornar um terrorista”, afirma Jucá.

Antigo membro das organizações de esquerda, o paraense Jucá abandonou o emprego de vendedor na indústria de produtos de amianto



A guarda mirim de Serra Pelada: sem vagas nas escolas, disciplina militar, castigos e ocupação para crianças

ra Pelada e o operário de uma montadora de automóvel no ABC, por exemplo, consiste nisso — ali, a pessoa acorda todos os dias achando que antes do anoitecer estará milionária, enquanto o assalariado que tomar o café da manhã fazendo planos para se tornar o dono da empresa na qual trabalha poderá passar por doido. “Nesse lugar, a fortuna pode aparecer de uma hora para outra”, afirma o paraense Milton Gatti. Em 1980, desempregado, Gatti desembarcou em Serra Pelada com 48 latas de leite condensado e cinco pacotes de bolacha para se alimentar durante um mês — o ouro lhe permitiu

montar uma empresa de distribuição de óleo diesel no arraial, uma loja que vende o gás de cozinha consumido nas residências, além de formar um patrimônio estimado em meio bilhão de cruzados. No início dos anos 80, por exemplo, ocorreu, ali, uma descoberta espantosa: um grupo de garimpeiros achou 3 toneladas de ouro furando uma área de 20 metros quadrados, igual a uma sala de visitas num apartamento de três quartos. “Em teoria, pelo menos, ninguém pode negar que uma descoberta dessa ordem possa ocorrer novamente”, afirma o professor Rogério Silva, do Departamento Nacional de Produção Mineral, em Belém.

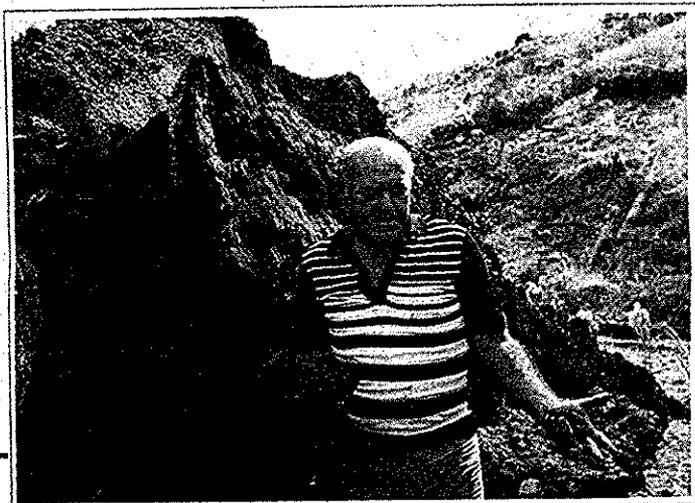
MITOS DESFEITOS — Serra Pelada é uma caverna com muitas lendas e vários mitos desfeitos. O garimpeiro Júlio de Deus Filho, que encontrou a Canaã, pedra de 62,3 quilos de ouro maciço, a maior pedra de Serra Pelada e a terceira do mundo, já morreu — assassinado numa briga de bar. O goiano Marlon Lopes Pidde, considerado o grande felizardo dessa selva, que só abandonou depois de amealhar 2 toneladas de ouro, equivalente a 3 bilhões de cruzados, subiu na vida e tornou-se grande fazendeiro. Mais tarde, envolvido em disputa de terras, acabou acusado pela morte de posseiros e hoje leva a vida como um foragido.

Brasília, em São Paulo, e partiu para Serra Pelada em busca de uma aventura — a possibilidade de se tornar um milionário. Embora não tenha chegado a tanto, Jucá não é um garimpeiro comum. Com

o dinheiro que ganhou graças à descoberta de 3 quilos de ouro, adquiriu um britador, aparelho que permite a purificação de alguns gramas por dia, em condições mais seguras. Aos 55 anos, Jucá gosta

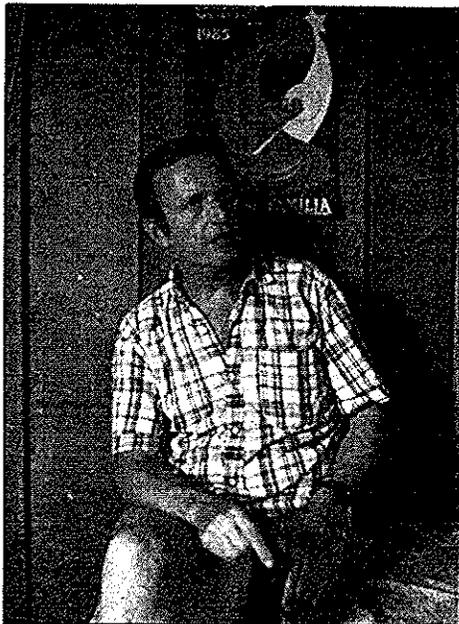
de usar roupas bem-acabadas e mora numa casa diferente da dos demais garimpeiros, arejada e bem decorada. “Da ebulição para o estouro falta só a palavra de ordem”, admite. Numa prova de que os garimpeiros formam uma categoria bem mais organizada do que se imagina, quando precisa se deslocar pela selva amazônica para se reunir com seus liderados, Jucá não tem maiores problemas — embarca no avião particular da União dos Sindicatos, a única entidade conhecida de trabalhadores do país que possui autonomia até para voar.

Jucá: conversas sobre explosões na Ferrovia dos Carajás



FLAVIO CANALONCA

“Vou ficar aqui até ter dinheiro para comprar um veleiro e ir morar no Guarujá”, afirma Jeter Ferreira Costa, 50 anos, um ex-fazendeiro a quem o ouro de Serra Pelada só permitiu, até agora, modernizar seus instrumentos de trabalho para continuar na garimpagem — e comprar um caminhão. Mina de ouro e de lendas, também, Serra Pelada produziu milionários em quantidade bem menor do que se imagina. daquelas 80 000 pessoas que, todos os dias, deixavam os barracos para enfrentar a carga pesada no meio da lama, apenas 3 000 conseguiram voltar para casa com um saco de 3 quilos de ouro na bagagem — em dinheiro de hoje, isso vale



Religião e misticismo: o padre De Valicourt, da ala esquerda da Igreja, à espera da reação dos garimpeiros, poções milagrosas para as doenças e pregação evangélica



FOTOS FLAVIO CANALONGA

4,5 milhões de cruzados, quantia que o contribuinte paulista carrega nas costas a cada cinco meses para descarregar na porta de casa dos dois grandes marajás da PM de São Paulo. Uma outra parcela dos garimpeiros, estimada em 10 000 pessoas, foi embora com meio quilo de ouro — e a imensa maioria atravessou a temporada inteira com poucos gramas no bolso. Hoje, quando a mina está vazia, a idéia de ir embora é um pesadelo.

“TIPO DE SOCIALISMO” — “No fim das contas, o que nós queremos é um lugar para cuidar de nossas vidas”, afirma Victor Hugo Cardoso Rosa Netto. Em Serra Pelada, o cotidiano contém diversas peculiaridades. Ninguém é obrigado a trabalhar todo dia — a remuneração é feita por jornada, e mesmo os milhares de “saqueiros”, essas pessoas que ganham a vida transportando uma carga de 35 quilos de terra nas costas, conseguem receber até 40 000 cruzados por mês, vencimento semelhante ao de um operário especializado em São Paulo. O aluguel é barato, e por 40 000 cruzados é possível comprar uma casa própria — de madeira. A pessoa que quiser construir sua própria moradia, no entanto, não enfrenta problemas com proprietários — só



precisa escolher o terreno e arregaçar as mangas. “De certa forma, ali dentro vigora um tipo de socialismo”, afirma o delegado Paulo Duarte, que até quinze dias atrás era o encarregado de administrar a região.

Os aspectos mais intrigantes de Serra Pelada, contudo, são os menos visíveis. Ali se construiu um dos poucos lugares do país onde uma população empobrecida não vive sob o padrão de comportamento da TV Globo. Ocorre que há poucos aparelhos de televisão no lugar e uma

única estação retransmissora — em alguns dias da semana assiste-se aos programas da Globo, nos outros, aos da Rede Bandeirantes. Uma outra diferença diz respeito ao governo — tanto o de Serra Pelada como o de Brasília. No povoado que foi crescendo em volta da cratera, não há cemitério — nem tribunal de Justiça. Quando ocorre um problema banal, como um grupo de contrabandistas de bebidas que entra em Serra Pelada desafiando as convenções do garimpo, onde o álcool, em tese, não pode ser consumido, cabe à Polícia Federal resolver. “Temos de ser cautelosos, caso contrário, nem sequer podemos agir”, afirma Paulo Duarte, conformado com o costume de resolver esse tipo de delito liberando os infratores logo depois de submetê-los a um sermão na delegacia. Os problemas mais graves, como os acidentes na cava, por exemplo, são discutidos num legítimo regime de República Popular. Nessas ocasiões, milhares de garimpeiros se reúnem em assembléia, em frente a um palanque erguido na chamada Rua do Sereno, a mais larga do lugar, discutem suas propostas — e votam. “Eu não gosto de política, mas este é um sistema democrático”, afirma James Ferreira Barbosa, 28 anos, há oito no garimpo, que lhe permitiu construir uma casa com piscina.

Entre Serra Pelada e Brasília, no entanto, há uma estrada carregada de ressentimentos. Quando os garimpeiros começavam a descobrir o ouro, técnicos da Companhia Vale do Rio Doce, uma das

estrelas de primeira grandeza da máquina estatal, chegaram a fazer pesquisas — e voltaram para Brasília com a convicção de que a mina escondia um terço de toda a riqueza que seria descoberta com pá e picareta. Mais tarde, quando o tesouro de Serra Pelada saiu do chão com todo o seu esplendor, a mesma Vale do Rio Doce cobrou a conta — como a mina ficava em suas terras, convenceu o governo a lhe pagar uma indenização de 60 milhões de dólares, ou 5,1 bilhões de cruzados. Até agora, a rigor, o governo só investiu no povoado para pegar o ouro dos garimpeiros, cuja compra é monopólio da Caixa Econômica Federal.

Ali não foi construído um posto de Inamps e também faltam escolas — apenas 300 crianças têm matrícula assegurada no único estabelecimento público em funcionamento, as demais, que formam um conjunto de milhares de candidatos a estudantes na Serra, perambulam pelas ruas ou se engajam na guarda mirim na tentativa de aprender alguma coisa. Dias atrás, os garimpeiros foram pedir ao governador Hélio Gueiros que construísse um posto de saúde — inconformado com o protesto na ponte sobre o Tocantins, Gueiros recusou o pedido.

POLÍCIA PRÓPRIA — O conflito de Serra Pelada com as autoridades lembra o choque de dois mundos incapazes de negociar numa mesma linguagem, e também aí a situação se coloca numa paisagem idêntica àquela que levou à tragédia de Canudos. A primeira expedição oficial à Serra Pelada foi liderada por uma equipe da polícia civil e por soldados da PM, que se estabeleceram no povoado em 1984. Os problemas logo surgiram — os garimpeiros reclamavam da violência da PM e também acusavam investigadores da polícia civil de roubar o ouro que retiravam dos barrancos. Naquele arraial da selva, o dia 11 de outubro de 1986 se transformou numa data histórica. Inconformada com um soldado da Polícia Militar que matou a tiros um garimpeiro na cava, uma multidão de centenas de pessoas se rebelou — e colocou os 25 soldados para correr de volta para o mato. No mesmo dia, os garimpeiros invadiram a sede da delegacia, onde o chefe do estabelecimento, que tem o título de doutor Édson de Oliveira Ferreira, chegou a ser pilhado com alguns grammas de ouro nos bolsos — também foi

A opção pela teimosia

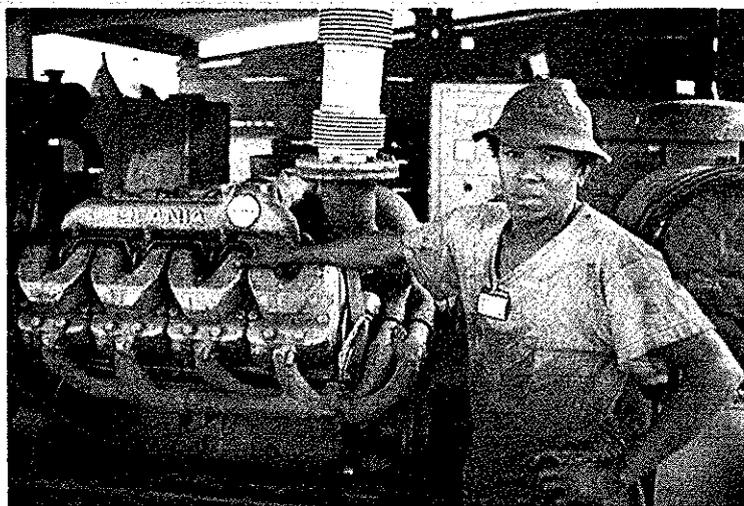
No povoado, a vida com simplicidade

Na particular pirâmide social de Serra Pelada, em que os ricos tornaram-se raridade e uma profusão de mendigos saiu às ruas, o operador de draga Belarmino Moraes Gaspar, 23 anos, está se aproximando do que se poderia classificar como a classe média do garimpo — pessoas que trabalham um pouco distantes da possibilidade de enriquecimento, mas próximas da estabilidade. Um dos responsáveis pelo funcionamento da máquina que retira a água que brota no fundo da cava, Belarmino trabalha 8 horas por dia, tem tempo livre para tentar apurar alguns grammas de ouro e, se quiser ir embora do garimpo amanhã,

mino largou a família e o trabalho na roça em 1983 para tentar a sorte no maior garimpo do mundo, junto com 80 000 outras pessoas que tiveram a mesma idéia. Ao decidir-se por Serra Pelada, Belarmino imaginou que ia encontrar um paraíso onde só precisaria ter o trabalho de se agachar à beira de um rio e catar pepitas graúdas. Ao chegar definitivamente ao garimpo, Belarmino foi exercer a pior atividade do processo da extração do ouro — carregar terra de um dos 6 000 barrancos até a boca da cava. Como o movimento de saqueiros era desconumal, havia mão e contramão para evitar trombadas.

Esforçado, Belarmino conseguia fazer quarenta viagens com 35 quilos de terra nas costas em cada uma. Para garantir uma boa produção, Belarmino e os outros saqueiros tinham quatro refeições pagas pelos donos de barranco. O café da manhã e um lanche da tarde mais o almoço e o jantar — em duas delas, generosas porções de carne.

De lá para cá, Belarmino continuou na profissão de saqueiro até dois meses atrás, mas sua porcentagem na produção rendeu-lhe apenas



FLAVIO CARVALHO

Belarmino: 60 gramas de ouro em cinco anos

basta sair sem burocracia ou baixa na carteira. Com o salário de 8 600 cruzados para complementar seu orçamento, Belarmino tem se dedicado a uma atividade que pode ser lucrativa, a compra de porcentagens em barrancos, muito freqüente no garimpo. Como seu salário não é alto, compra porcentagens em barrancos com a cotação em baixa e, até agora, já adquiriu 4% em quatro barrancos. “Esse garimpo é um jogo de cartas. Nos lugares onde dizem não existir ouro, já vi gente enriquecer e, nos barrancos mais cotados, há garimpeiros cavocando às cegas”, anima-se Belarmino, raciocinando como o investidor da Bolsa de Valores que compra grandes quantidades de ações quando estão na baixa — na esperança de vendê-las na alta.

Maranhense de Coelho Neto, Belar-

equivalente a 90 000 cruzados, em cinco anos, o que dá exatamente 1 500 cruzados por mês. “Jamais pensei que pegar ouro fosse trabalho tão sacrificado”, diz Belarmino. Mesmo no escalão inferior o garimpo de Serra Pelada produz personagens mitológicos. Entre os saqueiros sempre conta-se a história de José Fernando da Costa, conhecido entre os colegas como “Pé na Cova”. Um dia ele ganhou um saco de terra de presente. Lavado, transformou-se em 14 quilos de ouro, ou 21 milhões de cruzados. Esbanjador, Costa comprou sete carros, um para cada dia da semana, financiou grandes festas para os amigos e conseguiu reduzir seu achado a uma lembrança. “O ouro de Serra Pelada é amaldiçoado”, gosta de repetir Pé na Cova, que hoje dirige um trator.

O arraial de Canudos, em 1897: uma legião de deserdados reunida numa comunidade da miséria no sertão e massacrada pelo Exército

obrigado a abandonar a cidade, detido pela Polícia Federal.

“A sensação que temos é de que todos só vêm aqui para nos roubar”, afirma Edmundo Vieira Cardoso, 33 anos, um dos 66 membros de uma corporação própria de Serra Pelada. Trata-se da polícia melechete, jargão que nas conversas de garimpo quer dizer lama. Armada de cassetetes, ajuda a manter a ordem no lugar com donativos fornecidos pelos próprios caçadores de ouro. As revoltas do povoado alimentam o espectro de que por ali se aninha um núcleo de subversivos, mas o fato é que o maior agitador que apareceu por aquelas bandas militava numa sigla especializada em espionar as organizações de esquerda — trata-se do major Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió. Na seqüência de expedições oficiais ao arraial, a ação de Curió encarna um ciclo completo, com começo, meio e fim.

Ao dar baixa no Exército, Curió deu entrada no Serviço, em nome do qual auxiliou a degolar os guerrilheiros do PC do B no Araguaia — mais tarde, foi parar na mina de ouro. O caráter didático



FLAVIO DE BARROS/ACERVO MUSEU DA REPUBLICA

da missão Serra Pelada de Curió se revela pela sua apresentação — e pelo seu resultado. O agente do SNI desembarcou ali afirmando que iria defender os interesses da coletividade. “Se o Exército não manipula o povo, a Igreja é que vai manipular”, chegou a dizer, numa referência às Comunidades Eclesiais de Base, que proibiu de entrar no garimpo. Ao longo de sua estada no comando do lugar, Curió ocupou-se em confeccionar leis próprias, como a de acorrentar ladrões de cascalho com fios de náilon e exibí-los em praça pública de cabeça ras-

pada, também se dedicou ao rendoso negócio de distribuir barrancos no interior da mina e chegou a fundar uma cooperativa que fixa uma taxa de 7% de todo o ouro extraído — uma entidade envolvida em vários casos de corrupção. Aproveitador, Curió deixou Serra Pelada para ocupar uma vaga de deputado em Brasília — quando foi embora, aquela comunidade que prometera defender continuou enfrentando os mesmos problemas de antes. Em 1986, o deputado Curió não conseguiu se reeleger. Em 1988, não pode pôr os pés em Serra Pelada.

A disputa da bateia com o trator

A mecanização rende mais, mas desemprega

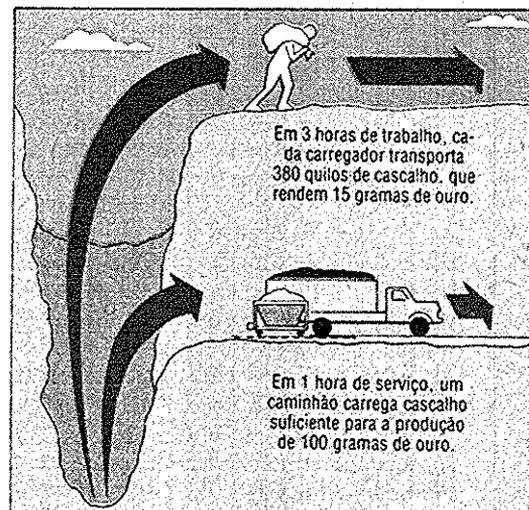
Existem várias maneiras de se obter ouro. Com um revólver ou um talão de cheques, pode-se conseguir na joalheria da esquina. Para tirá-lo da terra, no entanto, os processos são mais complicados. Comparado aos métodos mecanizados, que envolvem a operação de equipamentos gigantescos com aproveitamento de até 95% do minério, o garimpo de Serra Pelada funciona num processo da idade da pedra. No grande buraco de Serra Pelada, os garimpeiros cavoucam o barranco com picaretas, ensacam a terra, sobem com cargas

de até 40 quilos em direção a um britador instalado fora do buraco e depois iniciam o processo de separação. Nesse método, a terra escorre com água sobre uma calha recoberta com mercúrio. Por uma peculiaridade física desse metal, o ouro fica grudado ao mercúrio. Na bateia, uma espécie de peneira de lata sem furos, o garimpeiro lava essa mistura para retirar os restos de terra. Depois, por aquecimento a maçarico, o mercúrio evapora e o ouro é vendido à Caixa Econômica Federal.

“A última coisa que acontece em Serra Pelada é uma exploração racional do garimpo”, afirma o professor Evaristo Ri-

beiro, autor de um estudo geológico sobre a região. No método utilizado pelos garimpeiros, perde-se um terço do ouro porque as partículas menores, praticamente invisíveis a olho nu, passam direto pela calha com mercúrio ou são jogadas fora com a água da bateia. A esse aproveitamento deficiente junta-se a lentidão do trabalho, pela simples impossibilidade física de se escalar até 100 metros de barranco com uma carga de terra maior

do que 40 quilos. Há ainda um terceiro problema. O gás produzido pela queima do mercúrio é altamente tóxico e poluente. No corpo humano, onde vai parar quando os garimpei-



Os garimpeiros de Serra Pelada: um clima de revolta alimentado pela escassez do ouro combinada com o anacronismo da mina

hoje, é um retrato extremado da questão social. Quando olha para uma mina, com frequência um garimpeiro enxerga ouro onde só existe terra. Quando examina Serra Pelada, o governo enxerga subversão num lugar onde a tensão é apenas o ponto mais brilhante num território de problemas. Como em qualquer parte do mundo, para os garimpeiros de Serra Pelada o ouro é uma esperança que nunca vai morrer — o mais importante, contudo, é compreender que o drama dessas 100 000 pessoas agrupadas no coração da selva amazônica é que parece durar uma eternidade. Quando povoa a cratera

vazia com fantasmas que desceram da árvore dos conspiradores, o governo dá sinais de que pode promover uma nova expedição — em Canudos, até mulheres foram degoladas. Para o governo, a teimosia desse arraial, com seus homens pobres que se vestem de calção e sobrevivem ganhando dinheiro fazendo o trabalho de uma carroceria de caminhão, é uma dificuldade do presente — mas pode se transformar num terremoto do futuro. Euclides da Cunha chamou Canudos de Tróia de taipa. Serra Pelada pode ser a Tróia de lama.

TRÓIA DE LAMA — “Ele conseguiu nossos votos para nos trair”, afirma Bento de Jesus Souza, 36 anos. As autoridades gostavam de Serra Pelada quando podiam acomodar-se sob o brilho de seu ouro — mas o fato é que, em geral, cortejam seus tesouros com a mesma sinceridade com que desprezam os homens que vivem ali. Em 1983, o presidente João Figueiredo fez questão de visitar o lugar, chegando a passear nos ombros de uma multidão que até sujou suas roupas de lama. Um ano depois, ameaçados de serem expulsos do lugar, os garimpeiros bloquearam a ponte sobre o Rio Paraupe-

bas, que dá acesso à Serra dos Carajás, fecharam um trecho da Rodovia Belém—Brasília, incendiaram um posto da Cobal — e conseguiram convencer o Planalto a recuar no projeto de mecanização.

Abandonada, Serra Pelada é uma terra visitada por curandeiros como Edmilson Raimundo Gomes, que anuncia a cura de moléstias psíquicas, como depressão, usando uma receita à base da gema do ovo de pata, e funciona como o combustível ideal para aventureiros à custa do bolso alheio, como o major Curió. Cravada na selva, Serra Pelada já foi o símbolo da felicidade popular —

ros bebem água contaminada, o mercúrio pode provocar desde problemas nervosos a deformações congênicas nas gerações seguintes. Levado para os rios, destrói a vida aquática. “O ga-

rimpo de Serra Pelada, além da poluição, está sendo explorado de uma maneira antieconômica que a cada dia faz aumentar mais ainda o investimento necessário

para mecanizá-lo”, avalia o professor José Renato de Lima, do Departamento de Minas da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

ARAPUCA — Comparar a produtividade de um garimpo manual com o processo mecanizado é como relacionar a atividade de uma saúva sobre um jardim com a ação de uma nuvem de gafanhotos sobre uma

plantação. As escavadeiras e caminhões de tamanho descomunal fazem o trabalho dos garimpeiros num prazo vinte vezes menor. Um carregador de terra precisa trabalhar dois dias para fazer o que um caminhão realiza em 1 hora de produção. Para esse ritmo de trabalho, a lavra mecanizada adota também um sistema de moagem da terra que, além de ser incomparavelmente maior que o dos garimpeiros, consegue reduzir o material praticamente a pó, para depois submetê-lo ao processo de separação do ouro. Nesse estágio do trabalho, o garimpo mecanizado promove a combinação do ouro com o cianeto, em lugar do mercúrio. Na fase seguinte, o material passa por uma tela de carvão que retém a mistura e, ao ser queimada, deixa o ouro intacto, com 99%

de pureza, e não produz gases tóxicos. Aproveitam-se, com esse procedimento, partículas de ouro com até 7 centésimos de milímetro. Em compensação a mecanização custa muito mais caro e pode desempregar 48 000 dos 50 000 garimpeiros de Serra Pelada. Com a escavação sem planejamento, numa roda-viva cujo objetivo é tirar ouro o mais depressa possível e a qualquer custo, os garimpeiros acabaram armando uma arapuca para eles próprios — abriram uma vala em forma de “V” que, à medida que se afunila, permite o trabalho de menos gente. Agora, por exemplo, o trabalho só pode ir adiante se as paredes inclinadas forem rebaixadas.

